

RIO

Fogo ameaça outra reserva

Novo incêndio atinge mais uma área de preservação onde vivem micos-leões-dourados

Eric Brücher Camara

As chamas já devoraram mais de 400 hectares da Reserva Biológica de Poço das Antas, em Silva Jardim, e um novo foco ameaça outro refúgio de micos-leões-dourados: a Reserva Biológica União, entre Casimiro de Abreu, Macaé e Rio das Ostras. Em Poço das Antas, a maior parte dos 400 hectares destruídos é constituída de turfa (material esponjoso formado por vegetais em decomposição), mas no início da tarde de ontem, apesar de estar quase sob controle segundo os bombeiros, o fogo chegou também a uma das ilhas de Mata Atlântica ainda intactas. Se ele se alastrar, pode alcançar uma enorme área preservada.

A administração da reserva pediu a Brasília R\$ 40.500 para garantir condições mínimas de funcionamento. O Ibama liberou R\$ 33 mil em caráter emergencial para conter o incêndio. De acordo com o diretor de Gestão Estratégica do órgão, Rômulo Mello, novas liberações serão feitas se o dinheiro enviado acabar.

No calor dos acontecimentos, o Ibama ressuscitou a promessa de comprar um avião para combater incêndios. Ontem à tarde, os 80 bombeiros que atuam na área tiveram que se dividir entre o incêndio em Poço das Antas e o novo foco que surgiu a 30 quilômetros dali. Em União, o fogo destruiu 30 hectares da reserva de 3.200 hectares.

— A sorte é que o fogo não atingiu a floresta e não temos solo de turfa. Se o fogo se propagar será uma tragédia porque temos aqui a melhor Mata Atlântica da Baixada Litorânea, com áreas às quais os homens jamais tiveram acesso — disse o engenheiro florestal Whitson da Costa Júnior, único funcionário do Ibama lotado na unidade.

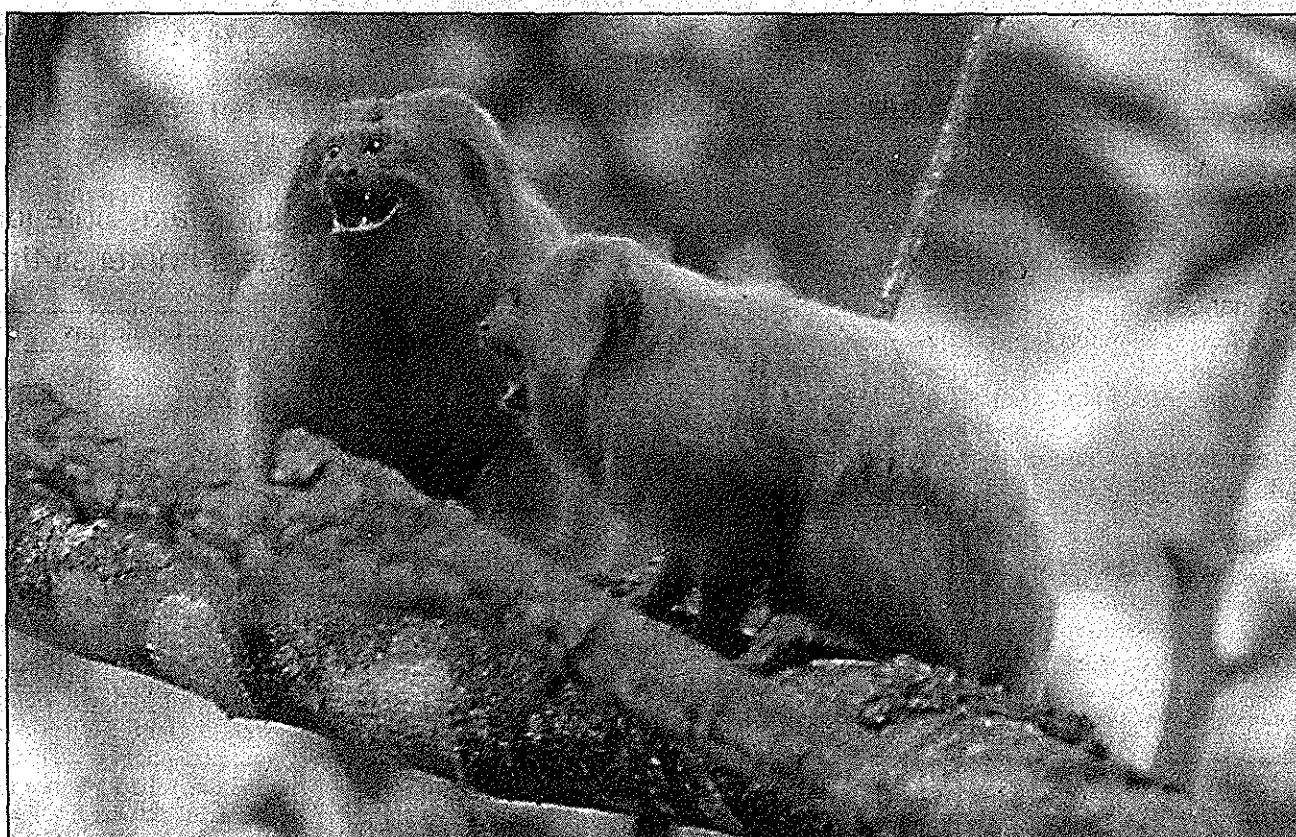
Cobras e tatus estão morrendo no fogo

Os biólogos garantem que os cerca de 350 micos-leões-dourados das duas reservas ainda não estão ameaçados pelo fogo. Em União, a área atingida é pequena e em Poço das Antas o estrago maior foi na área turfosa, da qual os animais não dependem. Normalmente arredios, ontem cerca de dez deles fizeram uma visita à sede da reserva de Poço das Antas e encantaram bombeiros e biólogos. No entanto, se o incêndio avançar, a situação pode mudar. Já a fauna de cobras e tatus encontra-se em perigo. Os bombeiros já recolheram alguns animais mortos.

De acordo com os bombeiros, o combate ao incêndio na turfa é muito difícil, já que muitas vezes não é possível identificar os focos de incêndio. Material altamente combustível, a turfa forma camadas de mais de 50 centímetros de profundidade. O fogo, portanto, pode se alastrar abaixo da superfície sem ser percebido.



BOMBEIROS COMBATEM as chamas que, avivadas pelo vento forte, brotam do solo de turfa da área da reserva biológica. Mais de 400 hectares já foram destruídos



MICOS-LEÕES-DOURADOS, assustados com o incêndio, aparecem junto à sede da Reserva Biológica de Poço das Antas

Quando o vento sopra mais forte, as labaredas crescem. As equipes de bombeiros em Poço das Antas estão atuando em três frentes de 15 homens. Um helicóptero da Polícia Civil dá suporte aéreo para a operação.

— Estamos empregando duas bombas de sucção para molhar a turfa e evitar que o fogo se espalhe. O helicóptero com o reservatório com ca-

pacidade para 500 litros d'água também nos ajuda no combate — afirmou o major Fábio Meirelles, que comanda a operação dos bombeiros.

No ofício enviado a Brasília por Dionízio Moraes Pessamílio, coordenador do Sistema Nacional de Prevenção e Combate aos Incêndios Florestais (Prev-Fogo), e pela gerente da reserva, Ivandy Nascimento de Castro Astor, desenha-se um quadro

alarmante de abandono: são pedidos R\$ 17.500 para a revisão dos veículos da reserva, além da compra de pneus, peças, óleo, combustível. Faltam até R\$ 5 mil para a manutenção dos rádios. Para o combate a incêndios, são pedidos R\$ 11.500 para abertura e limpeza de aceiros (valas para impedir o avanço do fogo). A recuperação das torres de observação foi orçada em R\$ 6 mil.

— O Ibama vai liberar R\$ 400 mil para o Rio. Para a reserva serão destinados imediatamente R\$ 50 mil. Nosso diretor Ronaldo Braga chega ao Rio amanhã (hoje) para negociar o uso de parte da multa de R\$ 51 milhões paga pela Petrobras pelo desastre na Baía de Guanabara para comprar de um avião-bombeiro — anunciou Carlos Henrique Abreu Mendes, superintendente regional.

A penúria em que vive a unidade de Poço das Antas se aprofunda na Reserva União, criada como unidade de apoio, e que começou a arder ontem. Lá, o único recurso disponível, além das bombas para combate a incêndios, é um jipe modelo 82.

— Se houvesse um mínimo de prevenção, o fogo não entraria na reserva — criticou o engenheiro florestal Costa Júnior.

Ele conta que o incêndio foi provocado por pessoas que atearam fogo no capim no trecho de oito quilômetros, na altura do quilômetro 185 da BR-101, que corta a reserva. Neste mesmo trecho, foram detectados 22 focos de incêndio neste ano, três dos quais atingiram a vegetação da unidade do Ibama. Para que isso fosse evitado, bastava a abertura de um aceiro ao longo da estrada. No entanto, a administração não conseguiu os mil reais necessários para abrir um aceiro em abril, quando começam a estiagem e o frio. ■

COLABOROU: Paulo Roberto Araújo

• AMBIENTALISTA CULPA INCRA POR FOGO NA MATA, na página 16

MEIO AMBIENTE: *Ministério Público investiga irregularidades na distribuição de terras vizinhas a Poço das Antas*

Ambientalistas culpam Incra pelo incêndio

Fundo Mundial para a Natureza critica o assentamento para reforma agrária ao lado de reserva biológica

Fabiana Melo
e Paulo Roberto Araújo

• RIO e BRASÍLIA. Um incêndio anunciado. O secretário-geral do Fundo Mundial para a Natureza (WWF) no Brasil, Garo Batmanian, responsabilizou ontem o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra) por mais um incêndio na Reserva Biológica de Poço das Antas. Segundo o ambientalista, o Incra assentou dezenas de sem-terra junto a uma unidade de conservação, desrespeitando normas do Conselho Nacional do Meio Ambiente (Conama), e depois os abandonou.

— Cedo ou tarde, o incêndio ia acontecer. O Incra não deveria ter colocado os sem-terra ao lado da reserva. Eles têm seus direitos, mas o Incra não deveria assentá-los ali e deixá-los sem assistência. O assentamento foi feito ao arpejo das legislações ambientais — lamentou o ambientalista.

Incra diz que doou terra para reserva

Na opinião de Batmanian, o Incra deveria assentar os sem-terra em locais onde eles pudessem cultivar sem agredir o meio ambiente. Como não têm assistência técnica, os lavradores, segundo o ambientalista, adotam técnicas antiquadas, com o corte da vegetação e queimadas. O WWF apóia o projeto do mico-leão-dourado desde o seu lançamento, há mais de 20 anos.

— Só restam 7% de Mata Atlântica no Brasil. Não é possível se compreender assentamentos justamente do outro lado da cerca das nossas poucas reservas. A culpa é do Incra, que colocou os sem-terra lá — denunciou.

O presidente do Incra, Francisco Orlando Muniz, alegou que a área onde está localizada a Reserva Biológica de Poço das Antas faz parte de uma propriedade desapropriada pelo órgão há 26 anos. Segundo Muniz, o território da reserva foi doado pelo Incra ao Ibama para a criação da área de preservação ambiental.

— Não foi o assentamento que foi feito ao lado da reser-

va, a reserva é que foi criada ao lado de uma área previamente destinada à reforma agrária — disse Muniz.

Ele disse que não há no assentamento Sebastião Lan, localizado ao lado da reserva, nenhum assentado chamado Max Lene. Essa pessoa teria provocado o incêndio, ateando fogo na mata que fica às margens do Rio Aldeia Velha sem motivo aparente, de acordo com o Ibama. Em seguida ele teria fugido para Barra de São João, em Casimiro de Abreu. No entanto, de acordo com a gerente da reserva, Ivandy Nascimento de Castro Astor, Sebastião Lan é uma invasão do Movimento dos Trabalhadores Sem-Terra (MST).

Além deles, a reserva é cercada por outros três assentamentos: Cambucaes, Sobara e Aldeia Velha. Ivandy garante nos assentamentos e invasões em torno da reserva, destinada a proteção de espécies e pesquisas, vivem cerca de 500 famílias. Segundo Rodrigo Varella, subchefe da reserva e responsável pela fiscalização em toda a região, todos os incêndios que devastaram a mata em Poço das Antas foram provocados pelos vizinhos.

Inquérito apura erros no assentamento

As irregularidades no assentamento de sem-terra nos arredores da Reserva de Poço das Antas estão sendo investigadas numa ação civil pública proposta pelo Ministério Público federal. A ação chegou há 15 dias à recém-criada Vara Federal de Itaboraí e foi encaminhada ao Incra, para especificação de provas. Depois, volta para Itaboraí para análise do procurador da República Wanderley Dantas, designado para atuar na ação.

Carlos Henrique Abreu Mendes, superintendente do Ibama no Rio, acredita que a solução para os problemas com os assentados passa por um trabalho conjunto com as prefeituras municipais.

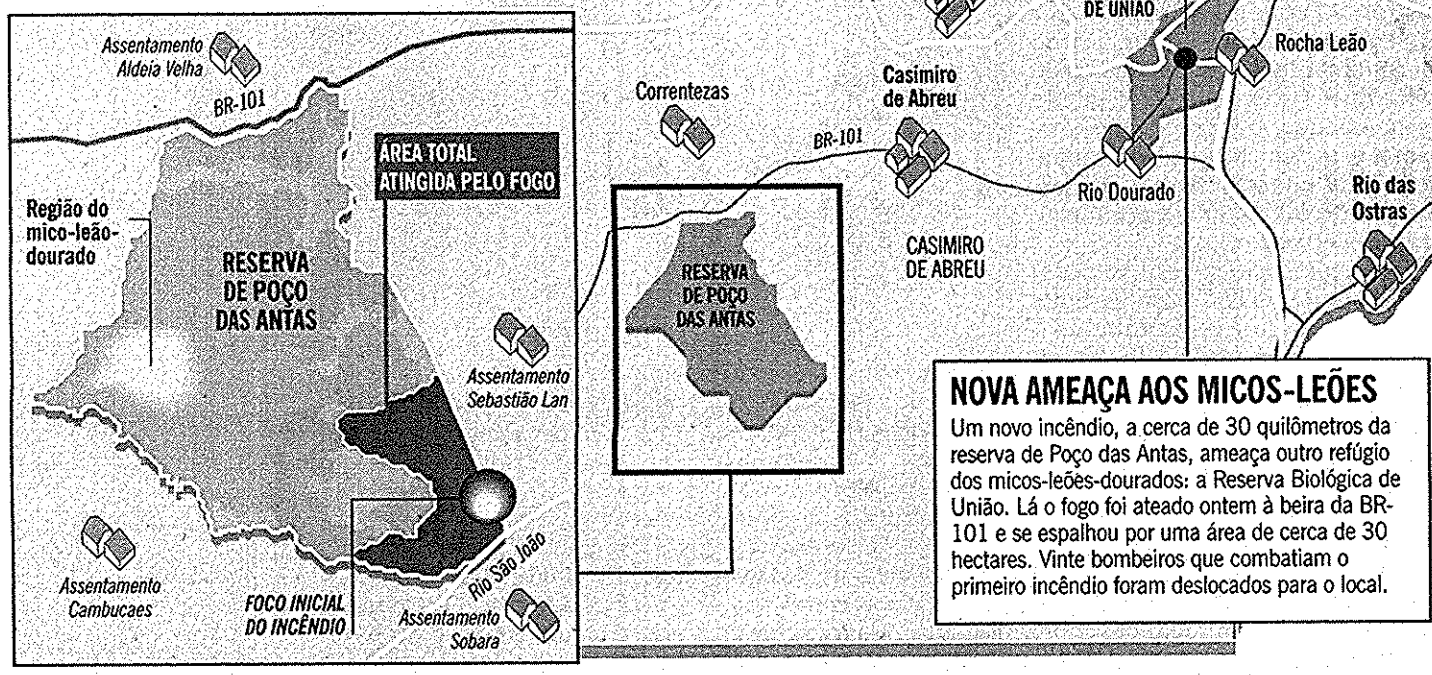
— Vamos trabalhar com os municípios atentos aos movimentos sociais — disse. ■

COLABOROU: Eric Brücher Camara

Saiba qual é a área atingida pelo fogo

RESERVA EM PERIGO

O fogo já destruiu uma área de 400 hectares, correspondente a mais de 7% da área total da Reserva Biológica de Poço das Antas. A maior parte da área era de turfa, uma camada de vegetais em decomposição altamente combustível. No entanto, ontem à tarde foram detectados focos de incêndio em uma ilha de Mata Atlântica próxima ao Rio São João. Biólogos temem que o fogo se propague para outras partes da floresta ainda intactas.



NOVA AMEAÇA AOS MICOS-LEÕES

Um novo incêndio, a cerca de 30 quilômetros da reserva de Poço das Antas, ameaça outro refúgio dos micos-leões-dourados: a Reserva Biológica de União. Lá o fogo foi ateado ontem à beira da BR-101 e se espalhou por uma área de cerca de 30 hectares. Vinte bombeiros que combatiam o primeiro incêndio foram deslocados para o local.

Outras espécies estão em perigo

Animais e plantas da área ainda nem foram catalogados pelos cientistas

• Não só os micos-leões-dourados estão ameaçados pelo incêndio que atinge a Reserva Biológica de Poço das Antas. Segundo Adelmar Coimbra Filho, primatólogo especialista em micos-leões-dourados e um dos criadores da reserva, milhões de animais e plantas — a maior parte deles nem sequer catalogados pela ciência — correm sérios riscos por causa do fogo.

— Quando um imbecil põe fogo numa reserva dessas, não só os mico-leões-dourados, que talvez sejam os últimos remanescentes da espécie, ficam ameaçados. A reserva de

Poço das Antas é riquíssima em espécies desconhecidas indispensáveis para o equilíbrio biológico. Está se destruindo um patrimônio que nem se conhece ainda! — indigna-se o primatólogo, acrescentando que existem hoje 50 milhões de espécies de seres vivos no mundo e, destas, só 1,5 milhão receberam um nome científico.

Reserva é modelo de conservação

Coimbra Filho lembra que Poço das Antas é um modelo de conservação de fauna conhecido internacionalmente:

— O estudo de um simples inseto de lá pode significar o controle de vários vírus.

O biólogo Sérgio Ricardo Rocha Soares, do Centro de Primatologia do Rio de Janeiro (CPRJ), em Guapimirim, também está preocupado.

— Em termos de reintrodução de espécies animais ameaçadas de extinção, a Reserva Biológica de Poço das Antas é uma das mais importantes do Brasil. Se o incêndio chegar até o local onde ficam os micos, seriam anos de trabalho jogados fora — diz Soares, lembrando que as consequências podem ser ainda mais traumá-

ticas a longo prazo. — A redução da área dos micos pode gerar brigas por território entre eles que podem ser tão prejudiciais quanto o fogo em si.

Mico só foi redescoberto na década de 60

Soares é responsável pelo acompanhamento de 30 micos-leões-dourados, entre outras espécies de primatas ameaçados de extinção.

— O mico-leão-dourado é uma espécie típica do Rio de Janeiro que era considerada extinta até ser redescoberta na década de 60, em Poço das Antas, por Coimbra Filho. ■